

Prevalência de desgaste dentário e qualidade de vida em adolescentes

Ana Virginia Santana Sampaio Castilho¹ (0000-0003-0674-8522), João Gabriel Perozo Bortoloto¹ (0000-0001-9273-1887), Eliel Soares Orenha¹ (0000-0001-5412-3450), Marcelo Salmazo Castro¹ (0000-0002-9601-9069), Michele di Benedetto¹ (0000-0003- 1532-0245), Silvia Helena de Carvalho Sales Peres¹ (0000-0003-3811-7899)

¹ Departamento de Ortodontia, Odontopediatria e Saúde Coletiva, Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, São Paulo, Brasil

Este estudo observacional transversal investigou a prevalência de desgaste dentário e qualidade de vida em escolares com 15 e 16 anos de idade. A amostra foi constituída por 88 adolescentes, sendo excluídos os alunos que apresentaram alguma limitação física, cognitiva ou psíquica, alunos que faziam tratamento com psiquiatra ou psicólogos e aqueles que não responderam ao questionário. Os escolares foram avaliados quanto ao desgaste dentário ligado à atrição, por meio do Índice de Desgaste Dentário (IDD) ocorrido em superfícies incisais nos sextantes anteriores, superior e inferior. A qualidade de vida (QVRS) foi mensurada usando o questionário Kiddo-KINDL, condições socioeconômicas e demográficas, via *Google forms*. O Índice de massa corporal (IMC) foi obtido por meio do peso e altura. A análise dos dados foi realizada com o programa Stata 14.0., os testes realizados foram Exato de Fisher e Teste T, o nível de significância considerado foi de 95%. Participaram do estudo 88 escolares, a maioria dos participantes eram meninas 52 (59,1%) e 60 (68,2%) dos adolescentes apresentaram IMC normal. Quanto à presença do desgaste dentário 80 (90,9%) adolescentes examinados apresentaram ao menos um dente com sinais de desgaste dentário e 8 (9,1%) não apresentaram. A frequência do desgaste em esmalte foi de 89,8% enquanto em dentina foi 31,8%. A média de QVRS entre os participantes foi 78,3±12,3. Não houve diferença estatisticamente significativa (p=0,26). A prevalência e gravidade do desgaste dentário foi maior em meninas do que em meninos. Pacientes que apresentaram desgaste, apresentaram pior QVRS.

Fomento: CNPq (302002/2022-7), FAPESP (2023/05647-4, 22/05123-2)